



A HISTÓRIA DE CADIJA – O USO DA INTERNET COMO FERRAMENTA DE AUXÍLIO PARA A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA

Beatriz Regina de Brito Silva¹

Bruna Cristina Souza Cavalcanti²

RESUMO

O presente projeto de intervenção aborda de forma lúdica o islamismo no Brasil, refletindo sobre o modo como esse é sempre representado através da intolerância religiosa. Buscamos por meio dessa proposta contar partes da história do islamismo, sua cultura e influências no Brasil com o auxílio do site educativo “A história de Cadija” para os alunos do 7º ano do ensino fundamental II com o intuito de introduzir para os estudantes uma forma diferenciada de estudar o Islamismo, partindo da leitura de uma narrativa em um website.

PALAVRAS-CHAVE: ISLAMISMO, ESTÁGIO, NOVAS TECNOLOGIAS.

INTRODUÇÃO

Diante do covid-19, a internet se tornou um recurso ainda mais necessário no dia-a-dia acadêmico para manter as aulas em curso, seguindo os padrões determinados pela Organização Mundial de Saúde (OMS). De fato, a ideia de se usar essas tecnologias no ensino de história é uma proposta que já vem sendo discutida há anos, como podemos ver com Circe Bittencourt em seu livro “Ensino de História: Fundamentos e Métodos”, quando ela vem dizer que os métodos de ensino atuais devem se adaptar às novas tecnologias, e que as transformações nessas tecnologias acabam trazendo referenciais para produção de conhecimentos (2008, p. 107). Porém, como apontado por Patrícia Rodrigues Augusto Carra, durante a pandemia, “o uso do Ciberespaço não significa uma educação inovadora. Pelo contrário, observo novos suportes, novas ferramentas para antigas metodologias” (2020, p. 5).

¹ Graduanda do curso de licenciatura em história na Universidade de Pernambuco – UPE. Email: beatriz.regina@upe.br

² Graduanda do curso de licenciatura em história na Universidade de Pernambuco – UPE. Email: brunacavalcanti.uni@gmail.com



Com isso em mente, é importante se utilizar dessas tecnologias para trazer uma educação diferente das antigas metodologias, mesmo com o atual cenário mundial. O produto educacional aqui apresentado trata-se de um site educativo, intitulado “A História de Cadija” de autoria das discentes da Universidade de Pernambuco (UPE) – Campus Mata Norte, e serve como material que poderá ajudar a somar dentro da sala de aula para trabalhar o tema do Islamismo. A história é contada através das falas de uma menina mulçumana de 12 anos, que busca explicar aos leitores sua religião e cultura.

Sendo um tema complexo e de extrema importância na contemporaneidade, viu-se a possibilidade de inserir nas aulas de História como parte da revisão do assunto antes das aulas sobre renascimento comercial e urbano; as cruzadas – e/ou a presença do Islã nas guerras contra a Europa durante o período da colonização das Américas nas escolas privadas e públicas, o processo não consistirá em apenas ler a narrativa presente no site, mas também ter uma discussão com os alunos sobre uma cultura diferente da deles, orientando-os da história e dos aspectos gerais dos costumes e da religião. O website é destinado para a turma do 7º ano do ensino fundamental, uma vez que foi a turma em que o Estágio Supervisionado I ocorreu.

OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Introduzir para os estudantes uma forma diferenciada de estudar o Islamismo, partindo da leitura de uma narrativa em um site educativo.

2.2 Objetivos específicos

- Analisar a religião e os costumes dos povos que a seguem por meio do depoimento da personagem Cadija.
- Despertar o interesse, a percepção, a sensibilidade e o senso crítico dos alunos sobre a religião e a intolerância religiosa enfrentada pelos praticantes do islamismo.
- Discutir como os alunos a respeito de como os povos islamizados vivem essa religião e como ela é enxergada pelas sociedades ocidentais.

APORTE TEÓRICO



O islamismo e o Estado islâmico têm seu início com Maomé ao receber os ensinamentos que se toraria o Alcorão e a subseqüente fundação de Medina após a migração (*hégira*) que marca o ano 1 no calendário islâmico (BALTA, 2010, p. 10-11). A aversão ao Islã, ou islamofobia, pode ser primeiramente entendida pelas constantes guerras e conflitos com o mundo ocidental, uma vez que Maomé, durante os anos de 623 a 630 D.C (*Ibid.*, 14), toma Jerusalém e, em 630, chega a Meca pacificamente onde toma a Caaba e destrói os olhos dos ídolos que estavam lá (*Ibid.*, 14-15), mas também pelas disputas entre o Islã e a Europa, podendo citar a chegada dos mouros à Espanha em 711, onde irão ocupar o espaço por séculos, a conquista de Constantinopla em 1453 (*Ibid.*, p. 33), entre outros conflitos.

Porém, Luciana Soares Neres Rosa de Carvalho, em sua tese sobre *Discurso do Ódio e Islamofobia*, fala que o processo de reconquista da Espanha Islâmica e a conseqüente expulsão dos mouros e judeus da Península Ibérica contribuiram com a origem ideológica da islamofobia e que, “como consequência daqueles eventos, [...] os muçulmanos e judeus se tornaram o Outro interno (“o povo com o Deus errado”)” (2017, p. 68).

É notável que, ao trazerem essa concepção de “o povo com o Deus errado”, o imaginário coletivo acaba por ver os praticantes do islamismo dessa maneira. Grosfoguel (2012) diz que o primeiro indicador de uma estranheza para com o outro na Europa ocidental cristianizada era a identidade religiosa (p. 11), sendo assim, a descrição dos muçulmanos como “o povo com a religião errada”, ou ainda “o povo com o Deus errado”, como citado por Carvalho (2017) e Grosfoguel (2012), gera o que pode ser descrito como o sentimento anti-Islã ou islamofobia, definido por Carvalho (2017) como “o preconceito e a hostilidade irracional contra o Islam e os muçulmanos” (p. 69).

No mundo moderno, esse sentimento de aversão à fé islâmica também chega de várias formas, como a negação de empregos, de moradias e de construção de mesquitas para os cultos (BALTA, 2010, p. 98). Mas também podemos entender como esse sentimento de islamofobia se agrava na atualidade graças aos ataques mais recentes ao mundo ocidental: O ataque às Torres Gêmeas de 11 de Setembro de 2001 (*Ibid.*, p. 33), e, ainda mais recentemente, o ataque ao jornal satírico francês *Charlie Hebdo* em 2011 após fazer uma publicação satírica com um desenho de Maomé (O GLOBO, 2011) e que recebe outro ataque em 2015 – jornal esse que já tinha um histórico desde 2006 de publicações com imagens de Maomé, apesar das críticas e ameaças que recebia (G1, 2015).

Não apenas os ataques trazem um sentimento de islamofobia para a atualidade, mas também o que Grosfoguel chama de “racismo cultural”, uma vez que,

Nos novos discursos de racismo cultural, a religião tem um papel dominante. Os temas contemporâneos sobre pessoas inferiores “não-civilizadas”, “bárbaras”, “selvagens”, “primitivas”, “subdesenvolvidas”, “autoritárias”, e “terroristas” estão hoje concentrados nas práticas religiosas e crenças do “outro”.³ (2012, p. 13, tradução nossa).

Em contraste com a fala de Grosfoguel, podemos também considerar o que Barbosa (2015) fala em seu texto ao dizer que as pessoas se prendem a estereótipos do islamismo, criando pré-conceitos de opressão e guerra por não conhecerem a religião (p. 161). Barbosa também fala que o Oriente Islâmico sempre foi representado por coisas que não os representavam verdadeiramente (p. 159), sendo assim, os estereótipos e os pré-conceitos contra a religião islâmica vem com esse racismo cultural mencionado por Grosfoguel, propagados ainda mais pelas mídias.

No Brasil, que se orgulha em sua mistura cultural, a islamofobia também existe, como comprovado nas entrevistas feitas por Carvalho (2017) com islâmicos brasileiros, que relatam as violências físicas e verbais que sofreram. Carvalho traz em seu texto a afirmação de que “tal qualquer europeu ou estadunidense, o brasileiro discrimina e exclui aqueles que não se enquadrem em seu padrão cultural dominante [...]” (p. 93). No caso institucional, militares brasileiros já utilizaram a foto de um muçulmano inocente como um terrorista numa palestra e se recusaram a se desculpar pelo feito (*Ibid.*, p. 95), além de outros casos envolvendo a polícia, como a invasão de mesquitas enquanto armados sem permissão oficial para fazer aquilo (*Ibid.*, 98). Sendo assim, é possível afirmar a presença da islamofobia no país como uma problemática a ser debatida.

METODOLOGIA

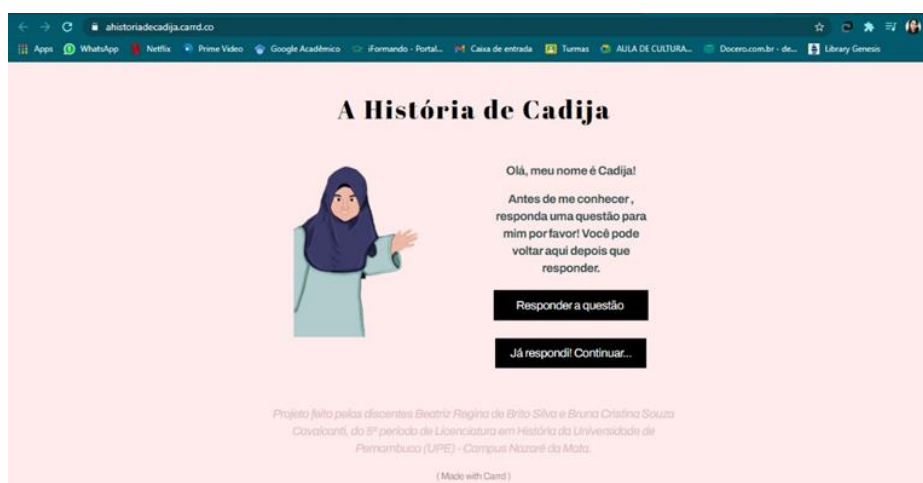
A sociedade em que vivemos surge a todo o momento com avanços tecnológicos para facilitar cada vez mais nossas vidas, o que é vantajoso principalmente para crianças e jovens.

³ “In the new cultural racist discourses, religion has a dominant role. The contemporary tropes about “uncivilized,” “barbarian,” “savage,” “primitive,” “underdeveloped,” “authoritarian,” and “terrorist” inferior people are today concentrated in the “other’s” religious practices and believes.”

As fontes midiáticas e a internet – que agrega em si um grande acervo de mídias – se tornam meios de se obter informações. Porém, com essa nova acessibilidade a informação, surge a problemática de que, muitas vezes, essas mídias reproduzem estereótipos e preconceitos a respeito de muitos dos temas trabalhados pela historiografia, dentre eles o Islamismo.

Daniele Cristiane Chagas diz em seu texto sobre o auxílio da tecnologia no ensino de história que “o computador e a pesquisa são aliados, são ferramentas úteis na sala de aula, quando usadas de maneira correta e com moderação, pois têm uma função relevante [...]” (2016, p. 13). O uso da internet para o ensino de história, quando feito corretamente, então, se torna vantajoso. O papel do professor de história nesse contexto acaba sendo o de tentar reverter os tabus, apresentando a vasta quantidade de assuntos e perspectivas pertencentes a historiografia que muitas vezes tem impacto na atualidade, trazer sites e outras ferramentas para a sala de aula hoje em dia pode ser fundamental para prender a atenção dos alunos.

O islamismo teve um importante papel para o desenvolvimento das sociedades na transição do período medieval para a modernidade, segundo a PNC este assunto começa a ser estudado nas turmas do 6º ano do ensino fundamental II e se estende por alguns dos assuntos do 7º ano do ensino fundamental II e Ensino Médio. O presente projeto foi desenvolvido para as salas do 7º ano do ensino fundamental II, utilizando-se da plataforma *carrd* para criar um site titulado “A História de Cadija”⁴ com uma narrativa para que os discentes pudessem lê-la de forma dinâmica.



⁴ Disponível em: <<http://ahistoriadecadija.carrd.co/>>



(Captura de tela do site “A História de Cadija”, utilizado para a realização do Projeto de Intervenção)

Iniciando a aula foi abordado pela professora os conflitos entre os europeus e os mouros, após isso foi apresentado a religião islâmica falando de sua origem e algumas de suas crenças, costumes e os principais personagens que representam essa religião. Finalizando a introdução sobre o assunto foi apresentado aos alunos o site educativo “A História de Cadija”, seguindo da leitura da narrativa, ela apresenta uma jovem praticante do islamismo de 12 anos chamada Cadija, que vive com sua família no Brasil e quer que as pessoas conheçam sua religião por que entende que só dessa forma as intolerâncias religiosas chegariam ao fim e as pessoas respeitariam seus costumes e sua religiosidade, se abrindo para explicar questões importantes para esclarecer as diferenças entre a sua vivência e a de outras pessoas que não participam dessa cultura. A narrativa chega ao fim com Cadija explicando o Ramadã e demonstrando que está feliz por poder ensinar sobre sua religião as pessoas.

Antes da leitura, os alunos foram questionados com a seguinte pergunta: “Em um pequeno parágrafo, diga o que você entende sobre o islamismo e as pessoas que praticam essa religião a partir das aulas que você teve sobre o assunto”. Depois dessa leitura o professor colocou a turma em círculo para ter uma melhor visibilidade e estabelecer um debate sobre a narrativa do texto “A História de Cadija”, com isso pode-se fazer uma avaliação para ser analisado se o assunto foi bem compreendido pela turma a partir da segunda pergunta formulada: “Em um pequeno parágrafo, diga o que você entende sobre o islamismo e as pessoas que praticam essa religião a partir do que você aprendeu com Cadija.”

Tanto na primeira pergunta quanto na segunda houve situações semelhantes, desta forma procuramos separar os alunos em três grupos em ambas as questões. Os resultados obtidos a partir do acompanhamento do 7º ano A foram, quanto a primeira indagação: cinco alunos disseram não saber nada sobre o assunto; quatro tiraram a resposta da internet e sete demonstraram saber algo sobre o assunto. A segunda pergunta trouxe o grupo de cinco alunos que tiraram a resposta dos websites; seis deram uma resposta similar à da primeira questão e cinco responderam usando o que entenderam da história. O 7º ano B apresentou resultados diferentes, a primeira questão apontou que quatro alunos disseram não compreender nada a respeito do tema; seis tiraram a resposta de sites e oito mostraram que sabiam sobre o assunto. Com o segundo questionamento alcançamos os seguintes resultados: seis alunos que tiraram a



resposta dos websites; quatro deram uma resposta parecida com a da primeira questão e sete responderam usando o que compreenderam por meio da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto foi aplicado nas duas turmas que estavam sendo acompanhadas por estagiárias do Estágio Supervisionado I da UPE, 7º ano A (manhã) e 7º ano B (tarde) durante os meses de Março, Abril e Maio. No início antes da leitura da narrativa do site e da discussão sobre o texto foi proposto aos alunos que eles em um pequeno parágrafo, explicassem o que entendem sobre o islamismo e as pessoas que praticam essa religião a partir das aulas que eles tiveram previamente sobre o assunto, e, ao finalizar todo o debate, foi questionado o que eles entenderam sobre este mesmo assunto porém a partir do texto “A História de Cadija”.

Torna-se necessário fazermos uma observação quanto a quantidade de alunos. Infelizmente, diante da pandemia da Covid-19, o projeto foi todo aplicado virtualmente e a escola que disponibilizou o tempo para esse projeto de intervenção estava funcionando no sistema híbrido, ou seja, parte dos alunos estavam em casa acompanhando a aula pela internet e a outra parte estava em sala de aula física, deste modo, não tivemos acesso a quantidade total de alunos que acompanhou a aplicação deste. Porém, dos alunos que enviaram suas respostas de maneira online, pudemos constatar algumas respostas interessantes, como foi o caso do aluno que respondeu que: “Com a história de Cadija eu entendi que a gente precisa respeitar os costumes e as coisas que as outras pessoas acreditam e também entendi que muitas palavras que nós falamos vem dos mulçumanos, e que as culturas quando se encontram podem trazer coisas novas umas para as outras. Também aprendi algumas datas que não sabia e que são muito importantes para eles”

Este discente, assim como os alunos que tiveram uma resposta próxima a dele, nos mostraram que conseguimos passar para parte da turma a mensagem que pretendíamos ensiná-los, através do conhecimento é que vem o respeito às diferenças, como também partes da cultura islâmica e seus costumes para desestigmatizar essa religião.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALTA, Paul. **Islã: uma breve introdução**. Tradução William Lagos. Porto Alegre, RS, L&PM, 2010. Disponível em:
<<https://dl101.zlibcdn.com/dtoken/1fec78844621cc0d86c25ac623af54f8>>.

BARBOSA, Francirosy Campos. **Charlie Hebdo e Islamofobia**. Malala, São Paulo, v.3, n.5, nov. 2015. p. 159-162. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/malala/article/view/107847/106185%3E>>. Acesso em: 11 de mai. 2021.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: Fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto. **O ensino de história em tempos de pandemia de Covid-19**. In: **6º Simpósio Eletrônico Internacional de Ensino de História**. 2020, Paraná. **Anais eletrônico [...]** Paraná, Unespar, 2020. Mesa-redonda. Disponível em:
<<https://simpohis2020ensino.blogspot.com/p/o-ensino-de-historia-em-tempos-de.html>>. Acesso em: 07 de aug. 2021.

CARVALHO, Luciana Soares Neres Rosa de. **Islamofobia**. In: CARVALHO, Luciana Soares Neres Rosa de. **Discurso do ódio e islamofobia: quando a liberdade de expressão gera opressão**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. p. 67-98. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24031>>. Acesso em: 12 de mai. 2021.

CHAGAS, Daniele Cristiane. **O auxílio das tecnologias no ensino de história**. Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em:
<<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/3716>>. Acesso em: 07 de aug. 2021.

G1. **Ataque em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos**. São Paulo, 07 de jan. 2015. <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>>. Acesso em: 10 de mai. 2021.

GROSGOUEL, Ramon. **The Multiple Faces of Islamophobia**. Islamophobia Studies Journal, Vol. 1, nº 1, University of California, Berkeley. Primavera de 2012, p. 9-22. Disponível em:
<<https://www.jstor.org/stable/pdf/10.13169/islastudj.1.1.0009.pdf?refreqid=excelsior%3A7f8b9cbac4cceb93de6b7199582db5c>>. Acesso em: 12 de mai. 2021.

O GLOBO. **Revista francesa é atacada após publicar desenho de Maomé**. 02 de set. 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/revista-francesa-atacada-apos-publicar-desenho-de-maome-3215165>>. Acesso em: 10 de mai. 2021.